

No tacho de Piaimã – gigantes de Rabelais e Mário de Andrade

[*In the pan of Piaimã – giants of Rabelais and Mário de Andrade*]

Fillipe Augusto Galeti Mauro¹

RESUMO • Não tardou para que *Macunaíma*, a rapsódia antropofágica de Mário de Andrade, fosse inscrita por seus críticos na tradição das sátiras romanescas de François Rabelais. À semelhança de *Gargantua* e de *Pantagruel*, o elemento catalisador das transformações morais do herói sem caráter do modernismo brasileiro é Piaimã, gigante que devora homens. Digeridos por Gargantua, um grupo de peregrinos se torna a sátira das grandes missões religiosas; sob a língua de Pantagruel, o narrador Alcofribas descobre nova civilização; “picado em vinte vezes trinta torresminhos”, Macunaíma se integra irreversivelmente à *pauliceia desvairada*, falando inglês, negociando armas, munição e álcool. • **PALAVRAS-CHAVE** • Mário de Andrade; François Rabelais; antropofagia. • **ABSTRACT** • It wasn't long

before *Macunaíma*, Mário de Andrade's anthropophagic rhapsody, was placed by its critics in the same tradition of François Rabelais' novelistic satires. In the manner of *Gargantua* and *Pantagruel*, the catalyzing element of the moral transformations undergone by the hero without qualities of Brazilian modernism is Piaimã, a giant who devours men. Digested by Gargantua, a group of pilgrims becomes the satire of the great religious missions; under Pantagruel's tongue, the narrator Alcofribas discovers a new civilization; “chopped up into twenty times thirty little pork rinds”, Macunaíma irreversibly integrates himself into the *Pauliceia desvairada*, speaking English, dealing in arms, ammunition and alcohol. • **KEYWORDS** • Mário de Andrade; François Rabelais; anthropophagy.

Recebido em 15 de abril de 2024

Aprovado em 19 de novembro de 2024

Editores responsáveis: Ana Paula Simioni, Dulcilia Helena Schroeder Buitoni e Marcos Antonio de Moraes

MAURO, Fillipe Augusto Galeti. No tacho de Piaimã – gigantes de Rabelais e Mário de Andrade. *Rev. Inst. Estud. Bras.* (São Paulo), n. 91, 2025, e10723.



Seção: Artigo

DOI: 10.11606/2316901X.n91.2025.e10723

¹ Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

Nestor Victor (1928, p. 7), autor de uma das primeiras resenhas de *Macunaíma*, notou no romance de Mário de Andrade “coisas que lembram os contos orientais, as lendas da Idade Média, *Gargantua e Pantagruel*, de Rabelais, *Peer Gynt*, de Ibsen, *Malazarte*, do nosso Graça Aranha”. Na *Gazeta de Limeira*, relata o próprio Andrade (1965, p. 113), em divertida carta de 1945 ao compositor Francisco Mignone, que “um rapaz [...] se deu ao trabalho de cotejar duas críticas do *Macunaíma*”, sendo que “uma [o] compara a Rabelais” e a “outra [o] chamava de besta”. Em 1940, quando deixa a crítica literária do *Diário de Notícias*, confessa ao diplomata Newton Freitas que não escreve mais “nada, mas mesmo nada” e que voltara a ler Goethe, Cervantes, “os laranjaços desta nossa tão irregular inteligência humana”, sempre acompanhados de “uns copitos de Rabelais ‘pra rebatê’, como diz o caipira” (ANDRADE, 2017, p. 101). Ao que o amigo, exilado em Buenos Aires pelo Estado Novo, prescreve: “leia Rabelais, releia Montaigne, o velho Montaigne e – por que não! – *Macunaíma*. Que tal a terapêutica?” (apud ANDRADE, 2017, p. 130).

Rabelais, a cachaça caipira de Mário de Andrade, talvez seja um raro ponto consensual na tradição crítica bastante polêmica e bem explorada de *Macunaíma*. A esse respeito concordam até mesmo Haroldo de Campos e Antonio Candido, cuja divergência na leitura de Mário de Andrade cerrou fileiras e se estendeu a tudo, menos àquilo que um chama de “aspecto paródico de linhagem [...] rabelaisiana” (CAMPOS, 1973, p. 61) e que o outro não hesita em diagnosticar como uma “*féerie* rabelaisiana” (CANDIDO, 1999, p. 90). Darcy Ribeiro (1988, p. XX) vai ainda mais longe, não poupando seu conhecido pendor nativista e invertendo os sentidos da comparação: “nem Rabelais se iguala a Mário”. E o sociólogo Roger Bastide (1946, p. 46), instado a colaborar em 1946 com o volume de homenagem póstuma a Mário de Andrade da *Revista do Arquivo Municipal*, associa a “festa da palavra” de *Macunaíma*, seu empenho em divorciar uma língua “brasileira” do antigo português ibérico, ao mesmo “momento da embriaguez exaltada, do grande canto de amor ao belo falar da terra” que sacara o francês moderno dos resquícios de latim no século XVI. Momento encarnado, no entender de Bastide (1946, p. 46), por dois livros específicos do Renascimento aos quais *Macunaíma* teria se misturado “inextrincavelmente”: um é *Défense et illustration de la langue française*, de Du Bellay; o outro é *Gargantua*, de Rabelais. Por seu aspecto “fantástico” e pela combinação das principais tradições

brasileiras “ao nível dos grandes relatos mitológicos” (CANDIDO, 1999, p. 72), a jornada de Macunaíma à *pauliceia desvairada* em busca da muiraquitã perdida² entra em ressonância com a cômica trajetória do gigante Gargantua, nobre nascido em um caótico festim, e de seu herdeiro, Pantagrue, filho da carestia, elevado a guerreiro triunfante, senhor do país da Utopia.

Assim como Rabelais (1994, p. 750) proclama no *Quart livre os faicts et dictes heroiques* de Pantagrue, em *Macunaíma*, o rapsodo de Andrade (2023, p. 172) canta “na fala impura as frases e os casos” do “herói de nossa gente”. A “imaginação solta” une os périplos de mestre Alcofribas (anagrama e pseudônimo de François Rabelais) à “rapsódia” do narrador de Andrade. Ambas se enraízam “numa prosa trepidante e pitoresca”, desprovida “das dimensões de tempo e espaço” (CANDIDO, 1999, p. 90-91). Um “ritmo vertiginoso” ocorre nesses livros graças a uma torrente de orações coordenadas, em ordem direta, de grande objetividade, com repetição de verbos, nas quais “vasta informação é dissolvida” (CANDIDO, 1999, p. 72). As ocorrências desse estilo são onipresentes e podem ser pinçadas praticamente ao acaso nas duas situações.

No capítulo V de *Macunaíma*, por exemplo, o herói:

- 1) “pulou cedo na ubá”; e
- 2) “deu uma chegada até a foz do rio Negro”, para
- 3) “deixar a consciência na ilha de Marapatá”, e
- 4) “deixou-a [...] na ponta dum mandacaru de dez metros”, para
- 5) “não ser comida pelas saúvas” (ANDRADE, 2023, p. 47).

Uma série diversa, quase caótica de ações no pretérito perfeito, encadeadas em parataxe, que iguala com ironia popular, com certo espírito de praça pública (“deu uma chegada”), o próximo ao longínquo, o breve ao duradouro, confundindo no leitor as noções de passagem do tempo ou de extensão geográfica. Tanto quanto se percebe, como em toda parte da narrativa rabelaisiana aliás, no capítulo XXXII do *Pantagrue*. As tropas do gigante são surpreendidas por uma tempestade, ao que:

- 1) “começaram a tremer e a se aproximarem umas das outras”, o que
- 2) “Pantagrue viu e lhes disse [...] que não era nada”, e que ele
- 3) “enxergava bem acima das nuvens” e
- 4) “que não seria mais que uma garoa”, mas, em todo caso,
- 5) “que se organizassem”, e
- 6) “que ele queria cobri-los”, e
- 7) “Pantagrue botou só a metade de sua língua para fora”, e ele
- 8) “os cobriu como uma galinha seus pintinhos”.

(RABELAIS, 1994, p. 330 – tradução minha).

Entre as premonições e ordens de Pantagrue, o mesmo *passé simple* (*commencerent, fistdire, se mirent, tira, couvert*), a mesma abundância de conjunções paratáticas (*et... et... et...*) nivelando o minúsculo ao gigantesco, a tempestade e o chuveiro, o gigante e as pequeninas bestas, sem que ao leitor se revele circunstância clara de duração

2 Foi mantida a grafia utilizada por Mário de Andrade – no feminino.

do tempo. Uma espécie de “simulacro de narrativa”, sua “paródia, seu reflexo ligeiro” (STAROBINSKI, 1989, p. 123 – tradução minha). Um tom romanesco que se revela “a caricatura do romanesco, sua versão descomedida, que combina todas as convenções genéricas” (STAROBINSKI, 1989, p. 123 – tradução minha) do romance de aventuras, do romance picaresco, ou do conto fantástico. Uma renúncia voluntária à verossimilhança expressa através de “mortes aparentes, reencontros inesperados, encadeamentos ultrarrápidos, terras fabulosas, riquezas incomensuráveis” (STAROBINSKI, 1989, p. 123 – tradução minha). Toda uma plêiade de “modelos literários conhecidíssimos” articulados ora de modo risível, ora de modo deformado, em parábolas jocosas que nos ensinam a “desconfiar dos ensinamentos”, isto é, do senso comum e dos discursos circulantes (STAROBINSKI, 1989, p. 123 – tradução minha)³.

Mas não é somente a sintaxe que torna tão ricos os ecos do “mundo todo alterado” de Rabelais (1994, p. 224 – tradução minha) na construção do “retrato satírico do brasileiro” de Andrade (CANDIDO, 1999, p. 72). Há, entre os dois, convergências temáticas de grande efeito cômico apesar das origens tão distantes no tempo e no espaço. Panúrgio, que se apaixona por uma dama da alta sociedade parisiense, tanto quanto Macunaíma, que se arruína ao seduzir cortesãs francesas em São Paulo; Gargantua estarrecido com monges ébrios que só dormem enquanto rezam tanto quanto Macunaíma, do alto de um avião, avista o padre Bartolomeu de Gusmão, inventor da excêntrica passarola, “de batina arregaçada, pelejando pra caminhar” nas dunas de Mossoró (ANDRADE, 2023, p. 110); e, especialmente, Gargantua, que “comeu seis peregrinos na salada” (RABELAIS, 1994, p. 104 – tradução minha), Pantagrue, que abriga o autor “em sua boca” (RABELAIS, 1994, p. 331 – tradução minha), e Piaimã, que cozinha Macunaíma em polenta, “picado em vinte vezes trinta torresminhos” (ANDRADE, 2023, p. 55). Todos os três gigantes que comem homens e que, ao degluti-los, assimilam mundos em contraposição, satirizam moralidades e dogmas, reorganizam a tradição e sugerem novos parâmetros para a cultura.

Foi Auerbach (1977, p. 269) quem sublinhou que o personagem do gigante já se fazia muito presente no imaginário europeu e que várias leituras de Rabelais evocavam essa figura. No século XVI, há até mesmo a fermentação de um novo nacionalismo francês que associa a ascendência aristocrática a uma gigantologia ancestral, o que justificaria seu direito natural (STEPHENS, 2006, p. 299). No *Almanach populaire du géant Gargantua*, de 1533 (apud AUERBACH, 1977, p. 269), um enorme exército tenta decepar a imensa criatura enquanto dorme, mas acaba dizimado por um dilúvio no instante em que ela se desperta para beber água. Na *História verdadeira* de Luciano de Samósata, do século II d.C. (LUCIEN, 2024), a tripulação de um navio é engolida por um monstro marinho e descobre em seu estômago todo um novo mundo, com novas florestas, novo relevo e espécies animais dignas das telas de Bosch. O episódio de Gargantua está mais próximo

3 Tomo todas essas noções de empréstimo do conhecido estudo de Jean Starobinski sobre o *Cândido* de Voltaire, que o crítico inscreveu na tradição de Luciano de Samósata, de Petrônio, de Cyrano de Bergerac e de Rabelais. Ao capítulo brasileiro dessa genealogia, merece ser incluído *Macunaíma*.

do *Almanach*, ao passo que a viagem de Alcofribas pelas entranhas de Pantagruel guarda mais do caso de Luciano. São duas visões distintas sobre os deslocamentos humanos em tempos de franca expansão marítima e de alargamento das fronteiras conhecidas pela Europa.

O Gargantua de Rabelais não devora soldados revoltos, mas sim iludidos andarilhos. Aborrecido com o atraso de um jantar, o gigante deseja preparar uma salada e decide ele mesmo colher repolhos e alfaces do tamanho de árvores. Seis peregrinos amedrontados, oriundos de Saint-Sébastien, se escondem dentre as folhas e são levados por acidente à mesa, feito lesmas, misturados a azeite, sal e vinagre. Horrorizados, acatam sua sina sem resistência. São sorvidos com um gole de pineau e não ousam “nem falar, nem tossir” (RABELAIS, 1994, p. 105 – tradução minha). Seus cajados ferem os nervos da mandíbula de Gargantua, que tenta retirá-los das gengivas com um palito, lançando-os com toda brutalidade por todos os lados, pelas pernas, pelos ombros, pelos bolsos e pelas bolsas. O jantar é enfim servido. Gargantua se prepara para o banquete e urina tanto que forma um rio sobre a terra. É por lá, atravessando a correnteza, escapando a uma armadilha de lobos, que fogem os seis peregrinos. Quando chegam a Coudray, encontram abrigo e são consolados – em clara “sátira às peregrinações”, à obscurantista “fé no poder miraculoso das relíquias” e “crítica ao século gótico” (CAMARGO, 1977, p. 101) – por um de seus ingênuos companheiros: “essa aventura foi prevista por Davi!” (RABELAIS, 1994, p. 106 – tradução minha).

Como observou Frank Lestringant, o sentido da desastrada peregrinação pela boca de Gargantua é bastante distinto daquele que lemos na análoga aventura de Alcofribas pelo corpo de Pantagruel. Rabelais, leitor de Erasmo, reprova no *Gargantua*, ainda de acordo com Lestringant (2012, p. 675-676 – tradução minha), “essas ociosas e inúteis viagens” de peregrinos que deveriam ignorar seus “falsos profetas” e permanecer em seus lares, para “cuidar de suas famílias, trabalhar suas terras, educar seus filhos”. Em *Pantagruel*, a situação é completamente distinta, e sua crítica é de outra natureza.

Alcofribas não encontra espaço na multidão de soldados que descrevíamos há pouco e se vê obrigado a escalar a língua de Pantagruel. Quando atinge sua boca, vê nos dentes do gigante grandes rochedos, como os montes dos dinamarqueses, e grandes prados, florestas, fortes, cidades do tamanho de Lyon ou de Poitiers. Em seu caminho, cruza com um lavrador de repolhos, a quem pergunta se há ali “um novo mundo”; o camponês lhe confirma, ao contrário, a existência de um mundo “nada novo” (RABELAIS, 1994, p. 331 – tradução minha). Nesse mundo, novo e velho segundo a perspectiva daquele que o observa, há a peste, oriunda de exalações das entranhas de Pantagruel. Mas há também “os lugares mais lindos do mundo, belas e grandes quadras de palma, belas galerias, belos prados, vários vinhedos e uma infinidade de cassinos à moda italiana em campos repletos de delícias”; saindo da boca, visita ainda um bosque nas orelhas e ganha dinheiro em uma pequena cidade onde “pessoas são alugadas por dia”; não para trabalhar, mas, sim, “para dormir”, e

fazem com isso, ainda por cima “cinco ou seis vinténs por dia” (RABELAIS, 1994, p. 332 – tradução minha)⁴.

Em *Pantagruel*, mas também no *Quart livre*, Rabelais apresenta as viagens de seus heróis em função de “preocupações políticas contemporâneas” (RABELAIS, 1994, p. 1458 – tradução minha). Suas ilhas e continentes imaginários são introduzidos todos com rico vocabulário técnico da navegação e guardam referências das “histórias maravilhosas trazidas por Marco Polo e Pierre Martyr”, das “lendas contadas por Pierre d’Ailly” (RABELAIS, 1994, p. 1459 – tradução minha). Esse é “um dos temas mais importantes do Renascimento e dos dois séculos seguintes, um dos impulsos essenciais da revolução política, religiosa, econômica e filosófica” justamente porque permite à literatura europeia “situar a ação de uma obra nesse mundo novo e ainda um tanto quanto desconhecido” e representar um estado civilizatório “mais puro e primitivo”, através do qual se relativiza o estado atual de coisas e se critica, de modo “ao mesmo tempo eficaz e camuflado”, uma realidade local (AUERBACH, 1977, p. 272-273 – tradução minha). E o mais relevante: um novo mundo cujos parâmetros vêm de longe, mas que pode ser revelado e descoberto no próprio país do herói, dentro da boca do gigante, que Rabelais nomeia, bem nota Auerbach (1977, p. 272-273), “A Utopia” e não somente uma indefinida “Utopia”.

Rabelais nunca soube que no novo velho mundo da boca de seu gigante Pantagruel havia outros gigantes. Foi Mário de Andrade quem os recuperou quatro séculos depois graças a seu périplo amazônico de 1927 e à leitura dos relatos de viagem do etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg, redigidos entre 1911 e 1913. Na lenda que Grünberg coletou da mitologia do povo Taurepang, próximo à fronteira com a Venezuela, um índio chamado Macunaíma é perseguido por um gigante de nome Piaimã e seu cão. Macunaíma encontra abrigo em um buraco, sob as raízes de uma árvore. Lá se esconde. Piaimã busca formigas – que são a pimenta de sua culinária – para tentar expulsar Macunaíma. Mas o índio resiste às picadas. Piaimã se livra das inúteis formigas e parte em busca do auxílio de Elité, divindade em forma de jararaca. Macunaíma então aproveita o descuido de Piaimã para tapar o buraco com uma estaca, e desaparece correndo pelas matas antes que o gigante retorne e a fuga recomece (KOCH-GRÜNBERG, 1916, v. II, p. 48).

Essa alegoria do curso da história como a fuga constante de um ser gigantesco, sedento por carne humana, e capaz de mobilizar os mais distintos fatores da natureza – cães, formigas e serpentes – em favor de suas finalidades, sua eterna caçada, colocando sempre à prova as presas, coube bem ao projeto estético antropofágico

4 Em artigo de 1918, no qual realiza uma apologia do “ócio gigantesco” e “salutar” dos “nossos indígenas”, antecipando em uma década o tema da “divina preguiça” de *Macunaíma*, Mário de Andrade alude a essa imagem do jardim das delícias da orelha do gigante Pantagruel, onde se remunera não o trabalho, mas, antes, o ócio. Ele ali afirma, com tintas rabelaisianas: “eu tive como que uma visão nova do mundo: via a Terra, modorrada ao calor, redondinha, vestida dum imenso gramado esmeraldino sobre o qual a humanidade intensa se deitara, chapéus nos olhos, mãos nas cavas dos coletes, pausas pantagruélicas culminando no espaço, a dormir, a dormir serenamente, num gigantesco, universal convescote” (ANDRADE, 1918).

que o *Macunaíma* de Mário de Andrade tanto representa⁵. Como bem notou Suzana Camargo (1977, p. 100), “o tema da antropofagia, encerrando em si as imagens da deglutição e da absorção que imperam em Rabelais, é retomado no *Macunaíma* através da concepção modernista expressa no *Manifesto antropófago*”, entenda-se, o imperativo de se “deglutir e absorver o que é aproveitável no estrangeiro, excretando o não aproveitável”. Nos termos escritos do *Manifesto*, a Macunaíma “só [...] interessa o que não é meu” (ANDRADE, 1928, p. 3). Herói sem caráter, que é também o herói de nossa gente, vive “em comunicação com o solo”, na “língua surrealista” da “idade de ouro”, mas também antagoniza com as “elites vegetais”, sujeito de “migrações”, em “fuga dos estados tediosos”, abalando “as escleroses urbanas” (ANDRADE, 1928, p. 3 e 7). Herói dessa gente à qual Darcy Ribeiro (1963, p. 12 – tradução minha) atribuiu o privilégio da “fusão das raças que resulta em um tipo humano mais rico”, porque “mais nuançado, herdeiro em si mesmo das experiências as mais variadas do homem”. O “preto retinto”, “criança feia” parida “no fundo do mato-virgem” por uma “índia tapanhumas”, e que se torna “branco loiro e de olhos azuizinhos” quando tropeça e se batiza na poça formada pela pegada dos primeiros catequistas – pegada que “era que nem a marca dum pé gigante (ANDRADE, 2023, p. 19; p. 48).

À personagem Piaimã coube uma das etapas de “digestão” de todos esses ingredientes humanos, que se reorganizam em matéria renovada. O gigante é um dos sujeitos e objetos do processo de constituição da complexa, dinâmica, quase sempre escorregadia identidade social brasileira. A tensão entre Macunaíma e Piaimã cumpre desígnio importante do *Manifesto antropófago*, qual seja, a “absorção do inimigo sacro”, para “transformá-lo em totem” (ANDRADE, 1928, p. 7). Mas o romance o faz em dimensão outra e mais complexa. Longe de qualquer oposição binária e unívoca, pertinente ao gênero dos manifestos, não nos encontramos mais diante de um simples confronto em que somente o local absorve o estrangeiro, produzindo uma síntese⁶. Essas duas categorias estanques, o local e o estrangeiro, ganham nuance no estilo satírico do rapsodo. O romance, como bem lembra Leyla Perrone-Moisés (2023, p. 347), “contém elementos que apontam para esse enfrentamento América x Europa, mas não de modo conclusivo”. O nacionalismo de Andrade, quando houve, “não era estreito nem xenófobo” (PERRONE-MOISÉS, 2023, p. 347). Andrade mesmo o diz em carta ao linguista Sousa da Silveira de abril de 1935, recolhida por Lygia Fernandes e citada por Leyla Perrone-Moisés (2023, p. 347):

5 Telê Porto Ancona Lopez (1974, p. 18-19) ressalta que “no primeiro número da *Revista de Antropofagia* aparece o anúncio de *Macunaíma*, como obra no prelo, mas sem rótulo antropofágico declarado. No terceiro número, julho de 1928, o romance é apresentado como texto, através de seu capítulo inicial, ali chamado *Entrada de Macunaíma*. [...] Mas é apenas a 28 de julho que a obra chega às livrarias”.

6 Leyla Perrone-Moisés faz ponderação semelhante. Sublinha que, “desde a publicação de *Macunaíma*, colocou-se a questão de sua relação com as propostas de Oswald de Andrade no ‘Manifesto Antropófago’; e reconhece que, de fato, “*Macunaíma* parece realizar essas propostas de Oswald de Andrade”. Mas lembra também que “Mário chegou a queixar-se, em carta, de que tudo o que publicava, embora escrito anteriormente, surgia após um manifesto de Oswald e era logo encampado por este” (PERRONE-MOISÉS, 2023, p. 348-349).

[...] me chamaram de nacionalista em todos os tons... Mas sou obrigado a lhe confessar [...] que eu não tenho nenhuma noção do que seja pátria política, uma porção de terra fechada pertencente a um povo ou raça. Tenho horror das fronteiras de qualquer espécie, e não encontro em mim nenhum pudor patriótico que me faça amar mais, ou preferir, um Brasileiro a um Hotentote ou Francês.

Em *Macunaíma*, o que seria o europeu sacro já é brasileiro recente, já é europeu sacro tão somente na relativa e heterogênea ascendência. Piaimã surge como aquele que não trouxe “cruzados” portugueses de ouro e prata consigo, como a espécie de fugitivo “de uma civilização que estamos comendo” (ANDRADE, 1928, p. 7). Um “regatão peruano”, *parvenue nouveau riche* que “enriquecera” (ANDRADE, 2023, p. 45) em São Paulo, a pequena Piratininga jesuíta convertida no curto intervalo de 70 anos em metrópole, em “cidade macota” onde os homens “eram máquinas e as máquinas é que eram homens” (ANDRADE, 2023, p. 52). Inimigo, “ao mesmo tempo, italiano e peruano”, que “por isso não pode representar a alteridade absoluta” (PERRONE-MOISÉS, 2023, p. 347). Gigante “comedor de gente”, mas também gigante devorado, que acaba ele próprio, em um dialético movimento de retroalimentação, sendo refogado por Macunaíma ressurrecto em um caldeirão, cozido “no fundo do tacho” de uma macarronada tropical (“FALTA QUEIJO!”), em narrativa onde primeiro o herói, mas depois o antagonista, se veem condenados à panela (ANDRADE, 2023, p. 137-138).

Macunaíma tenta recuperar na casa de Piaimã a sua muiiraquitã, o místico amuleto de pedra verde com a forma de uma rã que havia sido comprado das mãos de um marisqueiro. O sobrenome *Pietro Pietra* não é arbitrário e colabora a tornar o gigante, esse caçador de pedras, garimpeiro de fazer parar “fazendeiro e baludo” (ANDRADE, 2023, p. 45), um “símbolo complexo e sobrecarregado” do ponto de vista semântico (SOUZA, 1979, p. 41). Os dois duelam em uma partida de truco, “sublime” jogo de cartas tipicamente brasileiro. Piaimã nota que Macunaíma trapaceia (“jogador de caça falsa!”), o mata e o leva para casa. “Agarrou o defunto por uma perna e foi puxando”. Na cozinha, o herói foi “picado em vinte vezes trinta torresminhos” e “bubuiava na polenta fervendo” (ANDRADE, 2023, p. 55). É Maanape, o irmão de Macunaíma, quem o resgata. A cena que se segue, a ressurreição de Macunaíma, apresenta um corpo que não apenas renasce, mas que também reorganiza seus membros, colaborando para uma conservação de traços místicos, lendários e primitivos sem renunciar a uma violenta integração ao espaço urbano e moderno.

Maanape “catou os pedacinhos e os ossos e estendeu tudo no cimento pra refrescar”; quando esfriaram, uma formiga “derramou por cima o sangue sugado”; então Maanape “embrulhou todos os pedacinhos sangrando em folhas de bananeira”; na pensão dos irmãos, “assoprou fumo” (ANDRADE, 2023, p.55) no corpo esquarterado, uma “constante no lendário indígena” (PROENÇA, 1969, p. 191), e Macunaíma “veio saindo meio pamonha ainda, muito desmerecido, do meio das folhas” (ANDRADE, 2023, p. 55). Macunaíma só volta a se sentir “taludo outra vez” (ANDRADE, 2023, p. 55) quando Maanape lhe oferece guaraná, o fruto amazônico energético. Para se vingar de Piaimã, não recorre à magia que o recompôs. Vale-se, a partir de agora, das mesmas armas do mundo do gigante, de seu novo mundo. Compra de ingleses uma pistola, munição e uísque – e tenta convencer os irmãos de que falou o tempo todo

não em língua autóctone ou português, mas antes a língua dos negócios, do mundo da mercadoria e das trocas comerciais, o inglês (ANDRADE, 2023, p. 56). Após a morte do gigante “no fundo do tacho”, é com a “máquina bonde” que Macunaíma embriagado (“sapituca”) regressa à pensão (ANDRADE, 2023, p. 138). O herói tem agora, de volta entre as mãos, a muiiraquitã perdida. Mas uma muiiraquitã que, à semelhança do herói fragmentado, já não é mais nada além dela mesma, de sua própria objetividade. Amuleto reificado, para sempre apartado de Ci, a Mãe do Mato, verdadeiro amor de Macunaíma: “vejo você mas não vejo ela!” (ANDRADE, 2023, p. 138).

A essa altura, a despeito de quaisquer contradições, herói e antagonista “já estão integrados na mesma sociedade”; o arrivista Piaimã “é elemento estrangeiro já acomodado, sua mulher é a Caapora e sua filha vira estrela, como nos mitos ameríndios” (LOPEZ, 1974, p. 20-21). O próprio autor, de acordo com Lopez (1974, p. 21), “nega que o romance trouxesse à baila uma luta entre brasileiro e o imigrante italiano” e sugere que o personagem do gigante Venceslau Pietro Pietra “vale muito mais como a presença da Europa ou do estrangeiro no Brasil, associada à crítica à sociedade da *máquina* que teve seu primeiro brilho de século XX no governo de Venceslau Brás”⁷.

Em um comentário lateral de *O tupi e o alaúde*, diz Gilda de Mello e Souza (1979, p. 40-41) que “o termo gigante desperta no inconsciente coletivo brasileiro associações europeias, levando o leitor a identificá-lo com as personagens malévolas de grande porte da mitologia clássica, que, preservadas pelo folclore de origem ibérica, continuam presentes nas histórias da carochinha, herdadas de Portugal”. Também é o que nos conta Gilberto Freyre (2000, p. 169) ao ler os relatos do explorador inglês Thomas Whiffen: que um dos principais traços das culturas indígenas brasileiras é a transmissão de “contos com semelhança aos do folclore europeu”. Seria mais preciso dizer que a associação não é somente europeia, é também autóctone; que quando é europeia, não é somente portuguesa; e que os gigantes não são necessariamente malévolos.

Gargantua deglute os peregrinos por acaso, com toda indiferença (“Por que não?, disse Gargantua, eles são bons esses meses todos”), e é essa casuística (“e os comeu com gosto”) a base da comicidade de Rabelais (1994, p. 105 – tradução minha) contra a visão simplista de aventura cristã de seu tempo: a vida dos seres com domínio sobre a natureza segue lógica distinta, superior e que, sobretudo, ignora as formas humanas e terrenas de entendimento. Ao longo de seis meses, Pantagrue se quer se dá conta da ausência de Alcofribas (“de onde você vem, Alcofribas?”), e é esse desconhecimento ingênuo daquilo que o próprio gigante abriga em seu corpo que viabiliza o argumento de que um novo mundo pode ser cultivado com olhar e entendimento renovado ali mesmo onde ele se encontra (RABELAIS, 1994, p. 333). Quem sempre é malévolos, tanto no lendário indígena quanto no romance de Mário de Andrade, é Piaimã. Macunaíma não acaba no

7 Suzana Camargo (1977, p. 100), apesar de tintas mais nacionalistas, faz leitura semelhante sobre a função do gigante Piaimã: “no *Macunaíma*, as cenas de antropofagia [...] encerram a sátira à civilização urbana na fase industrial, corrompida pelo estrangeiro que trouxe a máquina, despertando a voracidade do brasileiro por tudo que é importado e inútil”.

caldeirão do gigante por acidente. É Piaimã quem age, impõe a Macunaíma um renascimento, até que ele próprio seja morto pelo herói que reconfigura.

Gargantua reforma a religião de seu tempo; seu filho Pantagrueu inspira a construção de uma nova ordem social a partir da notícia da descoberta de um velho mundo; e Piaimã inflige ao herói uma integração a um processo civilizatório tipicamente brasileiro, com toda sua barbárie, com toda sua celeridade, com todo seu gigantismo, fundada na violência. Os gigantes de Rabelais se tornaram perversos seres na pena de Andrade. Gargantua engole os peregrinos inconscientemente. Pantagrueu abriga Alcofribas com a boca sem se dar conta, no mero intuito de protegê-lo. Mas Piaimã pica, cozinha e devora Macunaíma – antes de ser ele mesmo levado ao caldeirão.

É verdade que Mário de Andrade se inscreve na linhagem cômica de Rabelais “na medida em que, demolindo os textos rabelaisianos através do processo parodístico da intertextualidade, recupera a tradição literária” (CAMARGO, 1977, p. 71). Mas é redutor dizer que *Macunaíma* somente “atualiza” o imaginário humorístico dos gigantes Gargantua e Pantagrueu “misturando-os” com “o lendário indígena, recolhido por Koch-Grünberg, e elementos dos folclores afro-brasileiro e europeu” (CAMARGO, 1977, p. 71). Algo mais profundo que uma mera *mistura* distingue os gigantes de Mário de Andrade daqueles de Rabelais. A antropofagia em *Macunaíma*, isto é, a deglutição ora do herói, ora do antagonista, marca “a crueza de uma luta em área da civilização da máquina”, a partir da qual germina uma “constância cultural brasileira”, uma “síntese nacional, feita com elementos rurais e urbanos, primitivos e civilizados, atuais e tradicionais” (LOPEZ, 1974, p. 20-21).

A obra cômica e popular de Rabelais oferece formas de moralização por meio de périplos, jornadas e viagens impregnadas, como disse outrora Michelet, de sabedoria popular, de dialetos e de provérbios das pilhérias dos jovens, das bocas dos humildes e dos loucos. Já o “carnaval de dicas, tiradas, disparates, gozações, sátiras, paródias”, todo o “acesso de alegria incontida” que Darcy Ribeiro (1988, p. XX) leu em Mário de Andrade participa de uma transformação dos meios originais de vida pela violência, marcando a integração agressiva do primitivo ao moderno e do moderno ao primitivo através da composição e recomposição de uma existência fragmentária sobre o corpo de um herói.

SOBRE O AUTOR

FILLIPE AUGUSTO GALETI MAURO é doutor em Literatura Francesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), em cotutela com o Centre d'Études et de Recherches Comparatistes da Universidade Paris 3 – Sorbonne Nouvelle.
fillipe.mauro@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5376-7211>

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. A divina preguiça. *A Gazeta*, São Paulo, ano XIII, n. 3.790, 3 de setembro de 1918, p. 1. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.
- ANDRADE, Mário de. *71 Cartas de Mário de Andrade*. Organização de Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: São José, 1965.
- ANDRADE, Mário de. *Correspondência: Mário de Andrade e Newton Freitas*. Organização de Raúl Antelo. São Paulo: Edusp, 2017.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Edição de Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. São Paulo: Global, 2023.
- ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. *Revista de antropofagia*, n. 1, maio de 1928.
- AUERBACH, Erich. *Mimésis: la représentation de la réalité dans la littérature occidentale*. Tradução de Cornélius Heim. Paris: Gallimard, 1977.
- BASTIDE, Roger. Macunaíma visto por um francês. Tradução de Maria José Carvalho. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 106, janeiro e fevereiro de 1946, p. 45-50. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.
- CAMARGO, Suzana. *Macunaíma: ruptura e tradição*. São Paulo: Massao Ohno e João Farkas, 1977.
- CAMPOS, Haroldo de. *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Vom Roroima zum Orinoco: Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913*. V. II. Berlim: Dietrich Reimer, 1916.
- LESTRINGANT, Frank. Dans la bouche des géants. *Outre-Terre*, n. 33-34, 2012, p. 675-684. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-oultre-terre4-2012-3-page-675?lang=fr>. Acesso em: dez. 2024.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Macunaíma: a margem e o texto*. São Paulo: Hucitec, 1974.
- LUCIEN. *Sur des aventures que je n'ai pas eues: histoire véritable*. Paris: Folio, 2024.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Uma farsa trágica. In: ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Edição de Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. São Paulo: Global, 2023, p. 337-349.
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1969.
- RABELAIS, François. *Œuvres complètes*. Édition de Mireille Huchon avec la collaboration de François Moreau. Paris: Gallimard, 1994. (Bibliothèque de la Pléiade).
- RIBEIRO, Darcy. Brésil: un pays de métis. *Le monde diplomatique*, Janvier 1963. Disponível em: <https://www.monde-diplomatique.fr/1963/01/RIBEIRO/25132>. Acesso em: dez. 2024.
- RIBEIRO, Darcy. Liminar. In: ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Paris: Unesco, 1988, p. XVII-XX.
- SOUZA, Gilda de Mello e. *O tupi e o alaude: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- STAROBINSKI, Jean. *Le remède dans le mal: critique et légitimation de l'artifice à l'âge des Lumières*. Paris: Gallimard, 1989.
- STEPHENS, Walter. *Les géants de Rabelais: folklore, histoire ancienne, nationalisme*. Paris: Classiques Garnier, 2006.
- VICTOR, Nestor. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, por Mário de Andrade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1928, p. 7.